

crises do século

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 10 • 2010

Quando a Revolução de Abril *atropelou* Itália
a suspensão do Partido da Democracia Cristã e as repercussões
no XIV Congresso do Partido Comunista Italiano

Marco Gomes

Marco Gomes, Mestre em História das Ideologias e Utopias Contemporâneas, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, bolseiro de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia, Colaborador do CEIS20. E-mail: gomes_marco78@hotmail.com.

«Portugal pesa sobre o congresso do PCI depois do clamoroso retiro da delegação DC»¹. Eis a manchete que fazia a primeira página do *Corriere della Sera*, a 20 de Março de 1975. No mesmo dia, o título central da *Stampa* confirmava o fragor que os acontecimentos portugueses causavam na política interna italiana: «Polémica sobre os factos de Lisboa depois do retiro dos delegados DC»².

Desde o início de 1975 que a Revolução do 25 de Abril cimentava, progressivamente, o seu carácter excepcional no âmbito da imprensa transalpina. O golpe falhado do dia 11 de Março acelerara este perene movimento de factos e, sobretudo, exegeses. E motivou, em consequência, o avanço do processo revolucionário lusitano, com as nacionalizações da banca³, dos seguros, e a suspensão da actividade política de três partidos, entre os quais o Partido da Democracia Cristã (PDC), determinando a exclusão das eleições do dia 25 de Abril de 1975⁴.

A interdição do PDC avolumou a desconfiança dos partidos italianos relativamente à natureza democrática do regime português. A inquietude adquiriu singulares dimensões muito por força do *timing* de ocorrência. No dia 18 de Março, altura em que se tornava público o afastamento dos correligionários do major Sanches Osório, tinha início o XIV Congresso do Partido Comunista Italiano (PCI).

A reunião destinada a avaliar as possibilidades do *compromisso histórico* desenrolou-se sob o espectro das ocorrências de Lisboa. E ficou marcada pelo abandono dos delegados da Democracia Cristã italiana em sinal de protesto pela decisão do Conselho da Revolução. O *turbilhão* extravasou fronteiras, como descreve o editorial do *France-Soir*:⁵

«Os acontecimentos de Portugal estão já modificando as perspectivas políticas da esquerda europeia. O problema é particularmente grave em Itália. Enrico Berlinguer empenhou-se com determinação num novo caminho. [...] Agora, depois dos factos de Lisboa, este “compromisso” parece seriamente em perigo».

Efectivamente, a *Rivoluzione dei Garofani* agitou intensamente a opinião pública mundial e (re)lançou, através de fitos analógicos, as mais variegadas problemáticas. Se o «caso *República*» produziu um inusitado vendaval nos meios políticos e intelectuais franceses, contrapondo concepções díspares de conceitos como a liberdade de expressão e liberdade de imprensa, semelhantes réplicas chegaram ao país de Garibaldi. A pergunta *dove va il Portogallo?* suscitou inflamadas discussões, sessões no parlamento, preferências políticas em detrimento de opções editoriais e apaixonou a esquerda extra-parlamentar.

¹ BIANCHI, Luigi – «Il Portogallo pesa sul congresso del PCI dopo il clamoroso ritiro della delegazione dc». *Corriere della Sera*. Milano: Edit. Corriere della Sera. Ano 100, Nº 65 (20 Mar. 1975) capa.

² «Polemiche sui fatti di Lisbona dopo il ritiro dei delegati dc». *La Stampa*. Torino: Edit. La Stampa. Ano 109, Nº 64 (20 Mar. 1975) capa.

³ A operação provocou a estatização dos jornais *O Século* (e publicações associadas), *Diário Popular*, *O Jornal do Comércio*, *O Comércio do Porto*, *A Capital* e o *Diário de Lisboa* (parcial).

⁴ O Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado e a Aliança Operária Camponesa foram também suspensos. Na origem da interdição esteve a acusação de incitamento e recurso à violência. No caso do PDC, foi ainda imputado o envolvimento de alguns líderes no 11 de Março.

⁵ «Chiesto un dibattito sul Portogallo», *cit.* por *Corriere della Sera*. Ano 100, Nº 66 (21 Mar. 1975) p. 2.

O XIV Congresso do PCI, que decorreu entre 18 e 23 de Março de 1975, esteve rodeado de fundadas expectativas aos olhos da opinião pública. De acordo com a previsibilidade do evento, os jornais diários conferiram-lhe um tratamento, simultaneamente, factual/informativo e interpretativo/comentado. Durante seis dias transformou-se na questão nuclear ao nível da política interna.

Este artigo pretende responder a duas questões: Em que medida a exclusão do Partido da Democracia Cristã das eleições para a Assembleia Constituinte influenciou os trabalhos do XIV Congresso do PCI? Qual o tratamento jornalístico concedido à conferência? A pesquisa privilegia as edições dos jornais *Corriere della Sera*, *La Stampa* e *Il Messaggero*⁶. Procurámos elementos explicativos no sentido de determinar quais os actores evocados e os cenários políticos desenhados. Não esquecendo alguns dados quantitativos que contribuem para reforçar a «ressonância» do evento.

A escolha da imprensa escrita – *de referência* – radica na centralidade que este instrumento, em plena década de 70 do século XX, assumia para a classe política, como elemento para informar e manter informado, para gerar e consumir ideologia.

1. Imprensa de referência: a instituição, o prestígio, e a vocação política

Paolo Murialdi⁷ salientava, em 1976, a crítica mais difusa ao jornalismo político italiano: a notícia e a opinião misturam-se no mesmo texto, formam o clássico *pastone*. Umberto Eco⁸, por sua vez, afirmava-se bem mais contundente:

«O jornal [italiano] desenvolve o seu objectivo político de boletim de opinião e troca de informações e pressões entre grupos de poder [...]. O quotidiano não aparece como um instrumento de liberalização crítica [...], mas como um instrumento autoritário de repressão».

Apesar dos reparos à *praxis* e cultura do jornalismo da península, *Corriere della Sera* e *La Stampa* apresentam uma vigorosa casta que lhes confere um lugar de referência no plano internacional. Em 1975 lideravam a média de exemplares vendidos em Itália, na ordem dos 500.400 e 361.100⁹, respectivamente. São os mais relevantes quotidianos nacionais. Autores como Paolo Murialdi, Nicola Tranfaglia e Mario Grandinetti¹⁰ colocam também o *Messaggero* entre os jornais italianos de primeira linha, sendo considerado um diário inter-regional. Com 227.500 unidades médias ocupava o quarto posto, depois de l' *Unità*.

⁶ Analisámos 23 edições, entre 18 e 25 de Março de 1975. A amostra do diário *La Stampa* apresenta menos uma edição porque não saía à segunda-feira.

⁷ MURIALDI, Paolo – *Come si legge un giornale*. 6ª edição. Roma: Laterza, 1976, p. 47.

⁸ Cit. por BECHELLONI, Giovanni – *Informazione e potere: la stampa quotidiana in Italia*. Roma: Officina, 1974, p. 94.

⁹ MURIALDI, Paolo – *Storia del giornalismo italiano*. 2ª edição. Bologna: Il Mulino, 2006. ISBN: 9788815112989, p. 243.

¹⁰ CASTRONOVO, Valerio; TRANFAGLIA, Nicola (coord.) – *La stampa italiana nell'età della TV. Dagli anni settanta a oggi*. 3ª edição. Bari: Laterza, 2008. ISBN: 9788842085584, p. 5-63.

Seguindo a definição de Mário Mesquita¹¹, a *imprensa de referência* abarca os periódicos direccionados, preferencialmente, para «a “opinião pública dirigente” (associada à tomada de decisões ao nível político, económico e cultural)». *Jornais de elite ou qualidade* é outra terminologia que entronca nesta categoria.

Podemos então classificar o *Corriere della Sera*, *La Stampa* e *Il Messaggero* como sendo diários matutinos, de informação, de qualidade ou elite. O *Corriere* correspondia ao tradicional órgão da burguesia lombarda. Moderado, preconizador de uma linha elitista ao nível político, cultural e editorial, foi durante muito tempo o sustentáculo da Democracia Cristã (DC).

O quotidiano da *Via Solferino* era sinónimo de jornalismo de qualidade, respeito, costumes, o mais difuso e presença mítica no seio da categoria profissional. Imagem, no entanto, abalada, nos anos 80, pela ascensão meteórica do *Repubblica*¹² e pelo envolvimento de alguns jornalistas no escândalo da loja maçónica Propaganda Dois. Como refere Marino Livolsi¹³, por 80 anos, não se tratou tanto do maior jornal italiano, mas sim «o jornal italiano». O modelo e referência. A instituição.

Mais a sudoeste, em Torino, está instalado o arqui-rival *La Stampa*, dos Agnelli e da Fiat. Cultivou sempre uma postura bicéfala entre a vocação regional, cidadina, e a disposição nacional e internacional. Esta última consolidada e impulsionada pelo histórico director Giulio De Benedetti, conferindo uma indelével marca de prestígio.

É um jornal liberal, laico e democrático. Acompanhou as tendências da sociedade, do (neo)centrismo ao centro-esquerda, adepto do reformismo e do projecto europeu. A imagem de inovação tecnológica, pioneira entre os concorrentes, contribuiu para conservar o segundo posto de vendas. Apenas destronado pelo *ciclone* de Eugenio Scalfari. De assinalar a relação construtiva que envolveu administradores, redactores e tipógrafos, permitindo, depois de acesos conflitos, ultrapassar os negros anos 70.

Aliás, a devastadora década de 70 italiana mergulhou os quotidianos numa grave crise financeira e em complexas equações políticas, além do terrorismo. O tranquilo *Messaggero* haveria de ser afectado. De tendência conformista, tradicionalmente sensível ao posicionamento dos políticos e burocratas da capital, anticomunista, o mais importante e difuso órgão de Roma caracterizou-se pela oficialidade e, sobretudo, vocação política. O equilíbrio entre as linhas clerical e laica completava o seu código genético. Uma cidadela que não resistiu ao capital.

Do *autunno caldo* sopraram ventos rebeldes e, no triénio 73-75, o diário da família Perrone foi adquirido, faseadamente, por Eugenio Cefis¹⁴. Iniciava-se uma clamorosa disputa pelo controlo do jornal, originando greves, recursos a tribunais e importantes mudanças na linha editorial. Primeiro Alessandro Perrone, e depois Italo Pietra e Luigi Fossati, imprimiram uma orientação favorável ao Partido Socialista. *Il Messaggero* assumiu, neste turbulento momento, «tons extremistas», quase de barricada, e adoptou

¹¹ MESQUITA, Mário; REBELO, José – *O 25 de Abril nos média internacionais*, ob. cit. Porto: Afrontamento, 1994. ISBN: 9723603284, p. 15.

¹² O jornal dirigido por Eugenio Scalfari nasceu em Janeiro de 1976.

¹³ LIVOLSI, Marino – *La fabbrica delle notizie*. Milano: Franco Angeli Libri, 1984, p. 46.

¹⁴ Empresário próximo da DC. Financiou, directa ou indirectamente, várias publicações, entre as quais o *Corriere della Sera*.

o modelo de assembleia como prática de gestão¹⁵. Subitamente, passou ao radicalismo laico e libertário, antidemocrata-cristão.

2. O *compromisso histórico*

A XIV reunião magna do PCI inseriu-se na tendência que Aberto Cecchi¹⁶ situa a partir de 1945: transformar uma assembleia de partido, os problemas políticos italianos, num debate mais amplo. Em 1975, foram convidados, pela primeira vez, os diplomatas das 95 embaixadas presentes em Roma. Aproximaram-se de uma centena as delegações estrangeiras, entre partidos comunistas, socialistas e sociais-democratas.

Deste panorama emergia a intenção de fornecer uma imagem internacional do PCI em conformidade com a linha do *compromisso histórico*, a temática central do evento. Em 28 de Setembro de 1973, Enrico Berlinguer¹⁷ iniciava uma série de três artigos, na *Rinascita*, através dos quais proponha uma nova aliança entre as forças que representavam «a grande maioria do povo italiano», do proletariado aos camponeses, dos católicos aos laicos. Um propósito extraído da unidade popular e democrática que Palmiro Togliatti apreçoara.

Na origem da proposta residiam motivações nacionais, reformadoras. O secretário comunista estava persuadido da impossibilidade de governar unicamente com as forças de esquerda, comunistas e socialistas. Mesmo que contassem com 51% dos votos. Pretendia, por isso, uma renovada coligação com a DC, que contava três décadas de governo. Não excluindo o Partido Socialista (PSI). Urgia proporcionar «à nação um caminho seguro de desenvolvimento económico, de renascimento social e de progresso democrático».

O projecto repercutia ainda a atmosfera internacional. A queda de Salvatore Allende iluminou os temores – já bem presentes – quanto a acções reaccionárias. A partir de 1969, o *fantasma fascista* adquiriu expressão quando, em resposta aos movimentos estudantil e operário, se foi afirmando a *estratégia de tensão*, impulsionada pela mobilização da extrema-direita. Como refere Paul Ginsborg, as forças reaccionárias «procuravam criar um “clima de desesperada tensão” que abrisse o caminho a um governo autoritário ou pelo menos uma durável permanência de direita»¹⁸.

A derrota no referendo do divórcio¹⁹, em 1974, fragilizou os equilíbrios da DC. Sinal de que a mundividência individual sobrepujara-se aos vínculos políticos. Estava em marcha o processo de secularização e a ruptura do imaginário colectivo. Assistiu-se à explosão de formas de luta inéditas, de novas identidades, do movimento feminista à contestação estudantil e grupos autónomos. Fermentos que fracturaram atavismos e revolucionaram a linguagem, os comportamentos e valores, das relações sexuais ao conceito de família cristã. Aquilo que Vittorio Vidotto define como *representação ideológica* da sociedade italiana²⁰.

¹⁵ ¹⁵ *Storia del giornalismo...*, *ob. cit.*, p. 245.

¹⁶ CECCHI, Alberto – *Storia del P.C.I. attraverso i congressi*. Roma: Newton Compton, 1975, p. 8.

¹⁷ BERLINGUER, Enrico – «Alleanze sociali e schieramenti politici». *Rinascita*. Roma: Rinascita. Ano 30, N.º 40 (12 Out. 1973) p. 12.

¹⁸ GINSBORG, Paul – *Storia d'Italia dal dopoguerra a oggi: società e politica 1943 – 1988*, *ob. cit.*. Torino: Einaudi, 1989. ISBN: 880611879X, p. 479.

¹⁹ Foi promovido pela DC no sentido de inserir mais restrições na lei que regulava o divórcio.

²⁰ VIDOTTO, Vittorio – «La Nuova Società». In BATTISTA, Pierluigi – *L'Italia Contemporanea: dal 1963 a oggi*. Roma: Laterza, 1999. ISBN: 8842058548. Volume VI, p. 71.

A partir do *milagre económico* (1955-1965) crescera a perspectiva hedonista e do consumo individual. Pier Paolo Pasolini²¹ aludiu à metamorfose social evocando o fenómeno do «desaparecimento dos pirilampos». No famigerado artigo do *Corriere della Sera* relacionava o eclipse dos pirilampos, típicos dos campos e terrenos agrícolas, com a extinção dos valores tradicionais: «pátria, família, obediência, ordem, poupança, moralidade». Pasolini afirmava que o «poder dos consumos» havia «deformado a consciência do povo italiano até à irreversível destruição».

Entre 1968 e 1980 eclodiu uma torrente fenomenológica dramática: execração do terrorismo, de extrema-direita, extrema-esquerda e de Estado; lutas operárias; profunda crise do sistema político e das instituições, do financiamento ilícito à corrupção, formas de organização e representatividade, escândalos, práticas clientelares e transformistas; maior crise económica do pós-segunda guerra; fragmentação da unidade católica.

O *compromisso histórico* pretendia defender uma democracia ameaçada, fazer face ao radicalismo críptico. Uma democracia que enfrentava, mais do que elementos avulsos, o espectro da conflitualidade permanente. O assassinato de Aldo Moro, em 1978, constitui o episódio símbolo desta onda insurreccional.

3. Entre expectativas e ambiguidades

O debate pré-congressual iniciou-se em Dezembro de 1974, quando Berlinguer apresentou *A Proposta Comunista*. E logo no mês seguinte a *Rinascita* inaugurou um espaço de discussão, a *Tribuna congressuale*. *L'Unità*, o outro órgão oficial do partido, secundava a iniciativa da revista semanal.

A exposição de ideias abarcou os principais órgãos de comunicação. Portugal foi sempre uma referência constante: Qual o papel do Movimento das Forças Armadas na vida política? O que prevalecerá: o voto ou o veto? Sem esquecer a lei da unidade sindical, assunto que opôs Mário Soares e Álvaro Cunhal a partir de Janeiro de 1975, também na ordem do dia em Itália

Quando os congressistas afluíram, a 18 de Março, ao Palácio do Desporto, em Roma, *Il Messaggero*²² sintetizava a análise dominante: «Jamais como neste momento a opinião pública observa o que existe de novo e de positivo no mais forte partido da oposição. O XIV Congresso [...] acontece num momento particularmente difícil para o país. O quadro político é instável».

A publicação romana fez valer a vocação política e concedeu, nesta fase de previsões, o maior destaque à conferência. Os géneros jornalísticos privilegiaram a interpretação, sob a forma de editorial e nota política. O serviço de Romano Dapas aludiu²³ ao surgimento de «complicações de ordem internacional» caso os comunistas se inserissem «na área do poder». Não bastavam as intenções de Berlinguer em destacar-se do alinhamento soviético para anular o problema de «segurança internacional» e conferir

²¹ PASOLINI, Pier Paolo – «Il vuoto del potere in Italia». *Corriere della Sera*. Ano 100, N.º 26 (01 Fev. 1975) capa.

²² DAPAS, Romano – «Cos'è il compromesso storico». *Il Messaggero*. Roma: Il Messaggero. Ano 97, N.º 73 (18 Mar. 1975) p. 2.

²³ *Idem, ibidem*.

uma «imagem credível de um PCI autónomo nas suas opiniões». Estavam em causa as relações com os partidos comunistas orientais.

E o articulista continuou: «O que está acontecendo em Portugal encontra imediato eco no nosso país. Ao PCI oferece-se uma outra oportunidade para reafirmar a própria independência e rejeitar as instrumentalizações que sobre os acontecimentos portugueses foram esboçadas pelos seus adversários».

O cenário internacional pulsava ao ritmo de graves incidentes: o golpe do *11 de Março* e os acontecimentos decorrentes; a necessidade de preservar a Inglaterra na CEE e a revisão das condições financeiras de adesão; agravamento da situação bélica e humanitária no Vietname; a falência de Henry Kissinger no Medio Oriente.

«A “volta” de Berlinguer»²⁴ fazia o título de outro esforço interpretativo, em primeira página, no jornal de Torino. Carlo Casalegno não tinha dúvidas em afirmar que, em redor do XIV Congresso, «existia uma expectativa demasiado dramática, quase podia determinar – para melhor ou para pior – uma volta histórica» na política italiana. Sublinhava a centralidade do acontecimento, «pelas propostas em discussão, pela força do partido [...], pelos reflexos internacionais», apesar do ingresso do PCI no governo não se afigurar um cenário concreto.

O vice-director identificava uma imagem «menos dogmática e combativa», até com «esboços de autocrítica». Referia que o *compromisso histórico* constituía «um facto político imediato». Mas o seu carácter ambíguo não esclarecia quais as linhas programáticas. Casalegno advertia para a incerteza de certas terminologias, como «movimentos populares», «elementos de socialismo», «superação dos blocos militares». Asseverando: «Agora, Portugal está aprendendo».

A dubiedade quanto aos conteúdos do projecto de Berlinguer estava ainda presente na nota política de Luigi Bianchi²⁵. O jornalista titulava, na capa do *Corriere della Sera*, a peça com um teor indicativo: «Abre-se hoje o congresso do PCI para discutir o “compromisso histórico”». Questionava a estratégia a seguir e a aliança com uma DC inflexível e pouco receptiva ao acordo.

Tal como os colegas da *Stampa* e do *Messaggero*, Bianchi assumia que as divergências entre as principais figuras comunistas adquiriam «contornos precisos». Se Giorgio Amendola afirmava: «Não há tempo a perder, o acordo deve ser feito antes que o barco afunde». Já Pietro Ingrao recusava uniões com o tradicional modelo de desenvolvimento democrata-cristão. Importava «pressionar a DC até provocar internamente verdadeiras rupturas»²⁶.

Amendola e Ingrao representavam dois pólos opostos dentro da linha estratégica. Umberto Terracini era céptico por princípio. O comentário político assegurava, porém, que a liderança não estava em discussão. Competia ao secretário-geral moderar posições.

²⁴ CASALEGNO, Carlo – «La “svolta” di Berlinguer». *La Stampa*. Ano 109, N.º 62 (18 Mar. 1975) capa.

²⁵ BIANCHI, Luigi – «Si apre oggi il congresso del PCI per discutere del “compromesso storico”». *Corriere della Sera*. Ano 100, N.º 63 (18 Mar. 1975) capa.

²⁶ *Cit.* por BIANCHI, Luigi – *ibidem*.

4. A intervenção de Berlinguer e as notícias de Lisboa

Cerca de cinco mil pessoas escutaram, durante três horas, a comunicação inaugural de Berlinguer. Os três diários não manifestaram relevantes divergências ao nível da abordagem temática. Salientaram que o *compromisso histórico* destinava-se a impedir o «flagelo» económico e moral de Itália.

Reafirmando os princípios do internacionalismo proletário, o PCI afirmava-se em condições para assumir o governo. Giovanni Trovati²⁷, da *Stampa*, identificava uma nova linha na proposta comunista, em conformidade com «os vários organismos, do sindicato aos comités locais, conselhos de zona, e cooperativas».

Outro aspecto significativo residia na importância que o pacto atlântico havia adquirido para Berlinguer, consciente das nefastas implicações caso a Itália optasse por uma retirada unilateral. Ele que advogou uma Europa autónoma no xadrez internacional. E deu o exemplo da Jugoslávia.

Giovanni Trovati²⁸ reconheceu duas preocupações no pensamento do líder comunista: «Assegurar às outras forças políticas a autonomia da via nacional do PCI e a sua fidelidade à democracia, e confirmar às bases que o partido continua fiel aos princípios marxistas».

Mas permaneciam algumas dúvidas. E o cronista questionou: pode, numa sociedade socialista, o PCI «deixar o governo uma vez derrotado nas eleições, e os outros partidos formarem uma diferente maioria? Ou a sociedade socialista exclui esta eventualidade?». Concretizando:

«Talvez teria ajudado a perceber melhor o seu pensamento se Berlinguer fosse mais esclarecedor sobre Portugal. [...] O objectivo de construir um regime efectivamente democrático não é fácil, mas em qualquer caso é claro que as condições de Itália são em tudo diferentes das de Portugal».

A escrita de Luigi Bianchi²⁹ convergiu para apreciações idênticas, destacando a serenidade da alocução, pouco dada a polémicas, «nem mesmo quando mencionou, brevemente, os acontecimentos portugueses». Berlinguer³⁰ afirmara: «É um processo político complicado. Importa procurar compreender as dificuldades. Não é lícito, da parte de quem nunca levantou a voz contra a ditadura infame de Salazar e Caetano, propor hoje um julgamento presunçoso e hipócrita».

Se Andrei Kirilenko, o enviado do Kremlin, constituiu referência obrigatória, o dia de abertura foi todo de Berlinguer. A sessão inaugural fez as manchetes, a cinco colunas, dos quotidianos e ocupou, quase na totalidade, os espaços privilegiados da capa e segunda página. Dizemos quase porque, de facto, a reunião comunista teve de dividir, ao longo dos seis dias, o protagonismo com o *tornado* português.

²⁷ TROVATI, Giovanni – «Rassicurare la base e gli altri partiti». *La Stampa*. Ano 109, N.º 63 (19 Mar. 1975) capa.

²⁸ *Idem, ibidem*.

²⁹ BIANCHI, Luigi – «Compatibile con la NATO». *Corriere della Sera*. Ano 100, N.º 64 (19 Mar. 1975) p. 2.

³⁰ *Cit.* por BIANCHI, Luigi – *ibidem*.

Corriere della Sera, *La Stampa* e *Il Messaggero* titulavam, sempre com destaque de primeira página, o efeito das invectivas militares. «Em Portugal excluídos das eleições os democratas-cristãos e a extrema-esquerda»³¹: a decisão do Conselho da Revolução³² instituiu o ponto de partida de uma ciclópica bola de neve que haveria de adquirir proporções invulgares.

*La Stampa*³³ fez uma abordagem altamente crítica e inquietante. O comentário, não assinado, referia que «a arrogância do poder militar e o oportunismo ideológico dos comunistas portugueses» não conseguiam «mascarar o significado do decreto» do Conselho da Revolução (CR). Previa que os desenvolvimentos portugueses teriam «efeitos nos maiores países europeus [...], sobretudo nos dois grandes partidos comunistas ocidentais, o italiano e o francês, que por vias diversas mas paralelas anunciaram o seu caminho parlamentar e pluralista».

O enviado especial de Torino em Lisboa³⁴ destacou o «forte impacto» da medida, «uma clamorosa ressonância em todo o ocidente». Classificou de «activismo febril» a acção do CR. Sandro Viola mencionava que a deliberação parecia destinada ao Centro Democrático Social (CDS), rotulando «o partido mais à direita de todo o alinhamento português». Uma visão não partilhada pelo enviado do *Corriere*³⁵, que sentou os dois partidos na mesma cadeira de extrema-direita. Bernardo Valli afluía ainda eventuais implicações de Sanches Osório no *11 de Março*.

Sandro Viola, recorrendo ao comentário político, relacionou o boicote com fins políticos estratégicos, sustentando que uma «campanha eleitoral conduzida com símbolos cristãos teria seguramente recuperado no “profundo norte” [...] a maioria dos consensos». Atribuía à influência do Partido Comunista Português (PCP) a exclusão das forças de extrema-esquerda.

As lentes dedutivas empurram, igualmente, o enviado romano para a feitura do *pastone*. Mas em sentido oposto. Sandro Osmani sublinhou que a directriz militar podia ser «considerada acima de tudo um formal atestado de “não democraticidade” dado aos democratas-cristãos». Escrevia que o procedimento permitia ao CR continuar «fiel ao princípio enunciado de conceder uma pluralidade democrática completa». Segundo o jornalista, o major Sanches Osório estava «implicado no golpe» e o CDS inspirava-se em princípios da *Opus Dei*³⁶.

5. Fanfani decreta a retirada do congresso

A segunda jornada congressual assinalou uma inesperada alteração na ordem de trabalhos. «O PCI encontrou o caso de Portugal no momento em que menos queria. [...] A delegação DC retirou-se do congresso comunista e a circunstância condicionou o debate, que do tema do “compromisso histórico” passou para a polémica aberta por

³¹ VALLI, Bernardo – «In Portogallo esclusi dalle elezioni i democristiani e l’ultrasinistra», *ibidem*, capa.

³² Decreto n.º 137-E/75, de 17 de Março.

³³ «Non è più democrazia». *La Stampa*. Ano 109, N.º 63 (19 Mar. 1975) capa.

³⁴ VIOLA, Sandro – «Esclusi dalle prossime elezioni», *ibidem*.

³⁵ «In Portogallo esclusi...», capa.

³⁶ OSMANI, Sandro – «Tre partiti al bando». *Il Messaggero*. Ano 97, N.º 74 (19 Mar. 1975) p. 19.

Fanfani», anotava a *Stampa*³⁷. Na mesma linha avançava o *Messaggero*³⁸: «Não são apenas os acontecimentos portugueses a inspirar o debate político destes dias, mas também a sua coincidência com o congresso do PCI e a reacção da DC».

As ocorrências de Lisboa e, conseqüentemente, a retirada em protesto dos sequazes do secretário-geral da DC, Amintore Fanfani, por decisão deste, produziram encontros improvisados, comunicados, discursos redimensionados, conversas de bastidores e uma profusão de reacções surpreendente. A *tempestate* pulou fronteiras e conferiu dimensão à *aldeia global* de Marshall McLuhan.

As capas do *Corriere della Sera*, de 20 e 21 de Março, aproximam-se sobremaneira de páginas monográficas. Uma ideia que faz sentido associando os acontecimentos portugueses ao encontro do PCI. Porque, na realidade, a chave de leitura para interpretar o decurso do congresso requer a compreensão do que se passava na Península Ibérica. Os textos sobre Portugal fornecem informações e comentários que ajudam a contextualizar as peças sobre a reunião comunista. E vice-versa.

Antonio Padellaro³⁹ escrevia, no diário milanês, que «Fanfani decidiu jogar uma cartada de grande efeito». O líder da delegação democrata-cristã, Attilio Ruffini, deveria comunicar à cúpula comunista a opção pelo abando dos trabalhos. Mas a espera foi «inútil», declarou a organização do congresso.

Fanfani preferiu o *Popolo* para desenvolver a problemática, fazendo das capas – agora sim – dos dias 19 e 20 páginas totalmente monográficas. Segundo o órgão oficial da DC, os comunistas portugueses influenciaram a suspensão dos partidos para, juntamente com os militares, impor uma nova ditadura, porque tinham o «voto popular»⁴⁰. Começava o aproveitamento das peripécias lusitanas que, entretanto, os expoentes da secretaria DC iriam alimentar para a agência noticiosa ANSA:

«A linha de todas as intervenções [DC], mais do que exprimir, obviamente, uma severa condenação pelo abuso de força registado em Portugal e reforçar que a verdadeira face do comunismo continua sempre totalitária, deve confirmar em definitivo o fracasso do compromisso histórico»⁴¹.

As reacções oficiais do PCI não tardaram. Interrompendo espontaneamente a oratória matinal do dia 20, Alessandro Natta⁴² transmitiu a indignação da presidência do congresso, qualificando a acção da DC como um «pretexto para instrumentalizações eleitorais e polemizar internamente factos de outros países». Um gesto «em tudo injustificado seja em relação à estratégia democrática do PCI seja às posições assumidas sobre os complexos desenvolvimentos da situação portuguesa».

³⁷ TROVATI, Giovanni – «Portogallo e Italia», in *La Stampa*. Ano 109, N.º 64 (20 Mar. 1975) capa.

³⁸ DAPAS, Romano – «I commenti». *Il Messaggero*. Ano 97, N.º 75 (20 Mar. 1975) p. 2.

³⁹ PADELLARO, Antonio – «I drammatici dispacchi da Lisbona». *Corriere della Sera*. Ano 100, N.º 65 (20 Mar. 1975) capa.

⁴⁰ PINNA, Paolo – «I comunisti portoghesi temono il voto popolare». *Il Popolo*. Roma: Edit. Il Popolo. Ano 32, N.º 64 (20 Mar. 1975) capa.

⁴¹ *Cit.* por PADELLARO, Antonio – «I drammatici dispacchi...», capa.

⁴² *Cit.* por BIANCHI, Luigi – «Il Portogallo pesa sul ...», capa. A Itália realizaria as eleições Regionais em Junho de 1975.

Mais do que um incidente institucional, a iniciativa de Fanfani representou um rude golpe nas aspirações de Berlinguer, precisamente no momento em que lançava o apelo ao entendimento com a DC. Ou seja: o partido destinatário da *terceira via* não apenas se mostrava indisponível para perceber o fundamento do *compromisso histórico*, como recusava ouvir o que lhe era dirigido.

Os dirigentes comunistas clarificaram então a posição do partido diante da decisão do CR. A tarefa coube a Aldo Tortorella⁴³, que definiu «bastante graves e sérios» os acontecimentos de Portugal. No entanto, importava «distinguir a análise de tal realidade da existência de uma situação em tudo excepcional», ainda marcada pelas «consequências de um golpe reaccionário». Reafirmou o «internacionalismo» e a «solidariedade com quem se esforça para construir uma sociedade nova».

Depois, sublinhando a plena autonomia do PCI, o director de *l'Unità* direccionou a animosidade para Fanfani: «Não nos identificamos com partidos que exaltamos o valor e que consideramos irmãos, seja porque entendemos a complexidade e diversidade das situações históricas concretas, seja porque estamos tenazmente convictos das nossas ideias. Outra táctica segue a secretaria DC».

6. A intensa espiral de reacções

«A questão portuguesa», expressão que fez título no *Messaggero*⁴⁴, causou profundo impacto na opinião pública italiana. Mobilizou movimentos sociais e políticos, de que são exemplo os incidentes verificados em Pistoia, na Toscana, entre estudantes democratas-cristãos e grupos de extrema-esquerda. Ou as divergências verificadas no Conselho Regional da mesma região, na sequência das posições adoptadas por Guido Biondi (Partido de Unidade Proletária) em colisão com os companheiros de coligação, comunistas e socialistas.

Os responsáveis do Ministério dos Negócios Estrangeiros em Roma solicitaram a presença do embaixador português, Virgínio Martins, para melhor se inteirarem dos acontecimentos. A degradação das relações entre partidos com responsabilidades políticas constituía um motivo de preocupação para o governo de Aldo Moro. Porque, na semana seguinte, estava agendada outra difícil ronda negocial no âmbito das questões de ordem pública.

A disputa intelectual agigantou-se e os deputados da DC pediram um debate parlamentar. Flaminio Piccoli⁴⁵ interpelou o governo italiano para que «encetasse oportunas iniciativas no sentido de restituir os termos de liberdade e de democracia que inspiraram o movimento de 25 de Abril de 1974». Requereu, portanto, a revogação do decreto-lei. Uma pretensão que os dirigentes do PDC em Portugal já tinham feito chegar a figuras da Democracia Cristã europeia e italiana, nomeadamente a Fanfani, a quem agradeceram «a viva solidariedade demonstrada por ocasião da injusta medida» e pediram uma intervenção junto das autoridades portuguesas⁴⁶.

⁴³ Cit. por BIANCHI, Luigi, *ibidem*, capa – p. 2.

⁴⁴ DAPAS, Romano – «La questione portoghese». *Il Messaggero*. Ano 97, N.º 78 (23 Mar. 1975) p. 2.

⁴⁵ «Chiesto un dibattito sui fatti portoghesi». *La Stampa*. Ano 109, N.º 65 (21 Mar. 1975) p. 2.

⁴⁶ VALLI, Bernardo – «Le elezioni portoghesi rinviata al 25 aprile». *Corriere della Sera*. Ano 100, N.º 65 (20 Mar. 1975) capa.

Dois dias depois, a 22 de Março, o senador Giuseppe Bartolomei assinava, em nome do grupo da DC, outra petição para discutir os últimos desenvolvimentos, desta vez no Senado. A maioria das facções DC foi unânime nos repúdios veiculados. Para Lorenzo Natali⁴⁷, «os factos de Lisboa provaram a estridente contradição entre a proposta do compromisso histórico enquanto expressão de uma linha autónoma e a incapacidade do PCI em libertar-se das raízes de um internacionalismo acrítico».

Porém, ganhavam consistência as reservas dos sectores mais à esquerda da DC. O líder da corrente «Base», Luigi Granelli⁴⁸, venceu a sua discordância: «A involução autoritária em Portugal não impede de observar que um confronto severo com o PCI [...] é em qualquer caso preferível que uma instrumentalização propagandística dos factos condenados, apelando à razão em detrimento da emotividade».

Também seguindo o propósito da instrumentalização política e eleitoralista, o socialista Giuseppe Di Vagno⁴⁹ considerava que a resposta dos dirigentes da DC tinha sido a «pior possível», tratando-se de «uma grave recusa em querer aprofundar, em termos construtivos e de alargamento dos espaços democráticos, problemas reais».

As tomadas de posição assumiram um carácter frenético e estenderam-se a todos os quadrantes políticos: por exemplo, entre outros, o ex-Presidente da República, Giuseppe Saragat⁵⁰, referiu que «Portugal passou de uma ditadura a outra»; Bettino Craxi (PSI): «Os comunistas são uma flor do estalinismo, um partido que não hesitou em aprovar a intervenção soviética na Checoslováquia»; federação sindical CGIL-CISL-UIL: «Estão em discussão alguns princípios fundamentais e irrenunciáveis para qualquer sistema democrático».

Os enviados dos três jornais em Portugal já tinham previsto que o despacho do CR iria causar réplicas internacionais: *Le Monde*⁵¹ – «Os militares satisfeitos por eliminar o PDC não pensaram que uma medida intermédia poderia ser suficiente?»; *Frankfurter Allgemeine* – «Apesar dos obstáculos, se as eleições forem suficientemente livres realizar-se-á uma considerável maioria não comunista»; *Newsweek*⁵² – «Portugal está perdido para a NATO».

Efectivamente, as repercussões reflectiram o impacto gerado na política interna italiana. *Corriere della Sera*, *La Stampa* e *Il Messaggero* fizeram eco dessas reacções. Sobre a verdadeira natureza do PDC em Portugal, ao qual logo a DC italiana se identificou, justificando o retiro do congresso comunista, o líder da DC espanhola José Maria Gil Robles⁵³ declarou que o partido português não fazia parte da União Europeia das Democracias Cristãs. Mas especificou que aquele organismo tinha «adiado a decisão sobre o pedido de adesão para uma fase posterior às eleições». A integração tinha

⁴⁷ Cit. por PADELLARO, Antonio – «Chiesto dalla DC un dibattito sul Portogallo», *ibidem*, N.º 66 (21 Mar. 1975) capa.

⁴⁸ *Idem*, «Sul ritiro dal congresso comunista», *art. cit.*, *ibidem*, N.º 68 (23 Mar. 1975) p. 2.

⁴⁹ «Colombo mette in guardia sui pericoli di una rottura», *ibidem*, N.º 69 (24 Mar. 1975) p. 2.

⁵⁰ Cit. por PADELLARO, Antonio – «Chiesto dalla DC...», capa-p. 2.

⁵¹ Cit. por *Il Messaggero*. Ano 97, N.º 76 (21 Mar. 1975) p. 18.

⁵² «Il Portogallo è perduto per la NATO», *cit. por Corriere della Sera*. Ano 100, N.º 69 (25 Mar. 1975) p. 2.

⁵³ «Per i fatti del Portogallo dibattito in Parlamento», *cit. por La Stampa*. Ano 109, N.º 67 (23 Mar. 1975) p. 2.

sido solicitada pelos dois partidos democratas-cristãos portugueses. Robles condenou ainda a decisão dos militares e negou ter expresso «juízos negativos sobre o partido de Sanches Osório».

No mesmo dia em que o *Osservatore Romano*⁵⁴ sublinhava «a incapacidade do PCI em condenar uma incrível decisão», o *France-Soir* dedicava um longo comentário ao impacto produzido na esquerda europeia. «Um PC que embaraça os seus irmãos», assim definia o jornal francês a acção do PCP, avançando que, além da França, a Itália e a Espanha estavam «particularmente interessados no brutal aceleração do processo revolucionário em Lisboa». E afirmava: «Cunhal mete o PCI em dificuldades».

7. «Um delegado português suscita embaraço no PCI»

Estão longe de constituírem um parêntese as intervenções de Aldo Tortorella e Alessandro Natta. Pelo contrário. A intensidade do *sismo* lusitano foi absorvida pelos muitos delegados que, previamente, pretendiam expressar a opinião. E, quando se fez sentir, requereu destreza para superar o grau de imprevisibilidade. Tal como assevera o cronista da *Stampa*⁵⁵: «Ninguém tinha intervenções preparadas sobre a decisão do governo militar de Lisboa. Mesmo o chefe da delegação soviética, Kirilenko, renovou a solidariedade aos combatentes pela restauração e o desenvolvimento da democracia em Portugal e na Grécia».

Os proeminentes líderes comunistas italianos – e não só – foram obrigados a comentar o alvoroço que os factos de Lisboa tinham causado. Ingrao⁵⁶ expressou «reservas sobre determinadas decisões da Junta Militar»; Dario Valori mostrou-se preocupado quanto ao peso do Conselho da Revolução no futuro do país; Ferruccio Parri⁵⁷ falou em «especulação fanfaniana»; Paolo Bufalini citou a frase que o emblemático Santiago Carillo proferira momentos antes da sua intervenção: «Não proibiremos [em Espanha] nenhuma força política, grupo ou personalidade que deseje participar na vitória democrática».

Na verdade, a falta de firmeza revelada inicialmente por Natta e Tortorella em distanciar o PCI da decisão dos militares e, implicitamente, do PCP, que apoiara a medida, causou embaraço e foi criticada pelos observadores. Vários expoentes comunistas admitiram que a resposta não tinha sido suficiente. Outros disseram que foi estratégica.

Só, no final, Berlinguer⁵⁸ desfez, oficialmente, as dúvidas. Afirmou que existia «qualquer coisa nos acontecimentos portugueses» que não persuadia os comunistas italianos, considerando «imperiosos os princípios que envolvem a necessidade de assegurar o pleno exercício de todas as forças políticas de centro, direita ou esquerda, e a todos os cidadãos».

⁵⁴ «Chiesto un dibattito sul Portogallo», *cit.* por *Corriere della Sera*. Ano 100, N.º 66 (21 Mar. 1975) p. 2.

⁵⁵ «Portogallo e Italia», capa.

⁵⁶ *Cit.* por DAPAS, Romano – «Nuove voci nel dibattito sul compromesso» *Il Messaggero*. Ano 97, N.º 77 (22 Mar. 1975) p. 2.

⁵⁷ *Cit.* por GIURATO, Luca – «Discorso di Amendola». *La Stampa*. Ano 109, N.º 64 (20 Mar. 1975) p. 2.

⁵⁸ *Cit.* por DAPAS, Romano – «Dura polemica contro Fanfani». *Il Messaggero*. Ano 97, N.º 79 (24 Mar. 1975) p. 2.

As declarações do secretário-geral fizeram eco em Lisboa e motivaram, sem espera, a reacção do camarada Aurélio dos Santos⁵⁹ (PCP): «Temos bastantes problemas com a nossa situação, aqui em Portugal, para nos ocuparmos com a política italiana. Parece-nos que o princípio a adoptar seja o da não ingerência nas questões dos outros partidos».

Mas, certamente, as reservas de Berlinguer ganharam verdadeira consistência quando ouviu, no último dia, a frase de Domingos Abrantes⁶⁰, o delegado do PCP presente em Roma: «As ligações fraternas que unem os nossos dois partidos são indestrutíveis». O enunciado foi depressa explorado pela imprensa, considerando Abrantes *o orador mais interessante, o hóspede embaraçante, a figura mais esperada*.

O grande entusiasmo com que a plateia assistiu ao discurso foi interpretado, pelo *Corriere e La Stampa*, como uma espécie de contraste latente entre as bases do PCI e a estratégia do *compromisso*. Por 15 minutos, Abrantes foi aplaudido em 13 ocasiões, colhendo um forte abraço de Kirilenko. *La Stampa* dedicou-lhe um título em primeira página: «Um delegado português suscita embaraço no PCI».

O enviado de Álvaro Cunhal, que já tinha concedido uma entrevista ao *Corriere della Sera*, e mantido reuniões privadas com Berlinguer, atacou o PDC pelos envolvimento em acções reaccionárias (*28 de Setembro e 11 de Março*), classificando-o «um partido sem tradições antifascistas». Realçou a «estreita ligação entre o povo e os militares», factor decisivo para a «consolidação democrática», e defendeu um Portugal com as mais amplas liberdades, de imprensa, expressão, reunião, sempre dentro do «pleno respeito pelas conquistas democráticas».

Em que medida a exclusão do Partido da Democracia Cristá das eleições para a Assembleia Constituinte influenciou os trabalhos do XIV Congresso do PCI?

«Enquanto se representava o espectáculo bem ordenado dos oradores, [...] nos bastidores discutia-se o verdadeiro tema do congresso: a exclusão da DC portuguesa das eleições e o clamoroso retiro da delegação da DC italiana». Não queremos ser tão taxativos como Giovanni Russo⁶¹, do *Corriere della Sera*. A noção de importância comporta uma elevada carga de subjectividade em jornalismo. Mas é indiscutível que a temática do *compromisso histórico* partilhou os espaços de debate com os acontecimentos portugueses e, em determinados momentos, cedeu mesmo o brilho ao *intruso* inesperado.

Porquê? A secretaria de Amintore Fanfani redimensionou a peculiar realidade portuguesa. Inseriu-a noutra contexto através de imbricadas disputas políticas. Construiu uma representação de um dado concreto e introduziu-lhe uma nova carga simbólica. Os motivos – sensatos, discutíveis ou imprudentes – que determinaram a interdição do PDC impossibilitam uma leitura a partir de outros referentes que não os da sociedade portuguesa.

⁵⁹ Cit. por VIOLA, Sandro – «Nel Portogallo prevale la linea dei più radicali?». *La Stampa*. Ano 109, N.º 68 (25 Mar. 1975) capa.

⁶⁰ Cit. por GIURATO, Luca – «Un delegato portoghese suscita imbarazzo nel pci», *ibidem*, N.º 67 (23 Mar. 1975) capa.

⁶¹ RUSSO, Giovanni – «Il delegato comunista portoghese spiega perché la DC è stata messa al bando». *Corriere della Sera*. Ano 100, N.º 66 (21 Mar. 1975) capa.

A instrumentalização dos factos de Lisboa permitiu ao PCI três níveis de actuação. Primeiro: criou uma oportunidade, a partir de um exemplo concreto, de reforçar a proclamada autonomia do discurso introdutório de Berlinguer, a *via nacional para o socialismo*. Ao criticar a decisão dos militares portugueses demonstrou que a fraternidade entre partidos irmãos não implicava as mesmas condutas.

Segundo: possibilitou uma clara definição em termos estratégicos e de alianças. Se, na antecâmara do congresso, Enrico Berlinguer ainda preconizava uma união de esforços com a secretaria de *il professore*, depressa percebeu essa impossibilidade. Novo objectivo: derrotar a linha de Fanfani. Não sem um profundo sentimento de desilusão, como o próprio Berlinguer deixou transparecer na intervenção de encerramento. O gesto de Fanfani provocou o que Soromenho-Marques⁶² designa por *hostilidade funcional*, «modalidade de apreciação negativa do Outro motivada pela emergência conjuntural de focos de atrito».

Terceiro: tornou evidente a impossibilidade de um *compromisso em tempos breves*, incorporando assim os desígnios de *tempos longos*. Talvez o ponto que mais discórdia suscitou entre os históricos do partido durante o debate. Esta imposição decorre da acção fracturante da DC, que se transformou num gigantesco obstáculo à aliança imediata.

Depois, a *questão portuguesa* lançou ruído sobre o tema central que deveria ocupar a atenção da opinião pública italiana. Comportou, sobre este ponto de vista, um efeito negativo.

«Nem sempre um episódio numa capital estrangeira nos dá o direito de fugir à realidade. [...] Os nossos problemas resolvem-se em Roma e noutras cidades, não ignorando a política estrangeira, elemento útil de avaliação, mas não aceitando e não nos iludindo que essa possa ser uma alternativa aos objectivos e às responsabilidades da política interna», observava o editorial do *Corriere della Sera*⁶³.

Qual o tratamento jornalístico concedido à conferência?

Foram três as principais temáticas enfatizadas pelo *Corriere della Sera*, *La Stampa* e *Il Messaggero*, durante o XIV Congresso do PCI: o debate em redor do *timing* do *compromisso histórico*; a exclusão do PDC das eleições para a Assembleia Constituinte; e o retiro da delegação democrata-cristá do evento comunista.

Quando se tratou de elaborar o intelecto final, os três quotidianos enquadraram o projecto de Berlinguer nos *tempos longos*, tal como foi referenciado no documento conclusivo do congresso. Mas com enfoques díspares. *Corriere della Sera*⁶⁴: «Berlinguer

⁶² SOROMENHO-MARQUES, Viriato – «Antiamericanismo», *ob. cit.*. In MARUJO, António; FRANCO, José Eduardo – *Dança dos demónios. Intolerância em Portugal*. Rio de Mouro: Temas e Debates, 2009. ISBN 9789896440725, p. 590.

⁶³ «Non dimentichiamo i nostri vecchi Mali». *Corriere della Sera*. Ano 100, N.º 66 (21 Mar. 1975) capa.

⁶⁴ BIANCHI, Luigi – «Berlinguer insiste sul compromesso storico e attacca duramente la politica di Fanfani», *ibidem*. Ano 14, N.º 12 (24 Mar. 1975) capa.

insiste no compromisso histórico». *La Stampa*⁶⁵: «Impossível a grande aliança». *Il Messaggero*⁶⁶: «Berlinguer contra medidas anti-DC portuguesa».

Na verdade, os títulos reflectem a linha política das publicações. Piero Ottone assumiu a direcção do colosso milanês, em 1972, e conferiu-lhe uma marca de independência. Retirou-lhe o estigma de hostilidade ao PCI e colocou-o um pouco à esquerda. Ottone defendia um governo de saúde pública.

La Stampa sempre conservou a matriz liberal, mas os reflexos da profunda crise italiana motivaram-lhe, igualmente, um sentimento de adesão a um governo de salvação nacional. Mesmo que, nesta altura, não seja tão declarado. A abertura foi progressiva. Esta consciência era, aliás, cultivada por alguns grandes indústrias.

No diário romano reflecte-se, declaradamente, a orientação favorável por uma política de esquerda, acentuada pela radicalidade do corpo redactorial. Por isso, o ténue afloramento da questão dos *tempos longos*. O jornal destacou sempre a pertinência do compromisso histórico e a inevitabilidade do PCI, responsável, co-assumir a condução dos destinos do país para sair da profunda crise. *Il Messaggero* apresentou mesmo uma sondagem em que 32% dos inquiridos inseriam-se na categoria do *provavelmente compromisso histórico* em 1976.

A instrumentalização realizada pela secretaria de Fanfani foi reportada como tal pelos meios analisados. *Corriere e Stampa* consideraram que o PCI tardou em condenar a decisão do CR e distanciar-se do PCP, mas reconheceram que o líder comunista foi mais explícito na intervenção final. Este foi o aspecto mais evidenciado pelo *Messaggero*, preocupado em sublinhar a autonomia do PCI e a perfeita integração no sistema democrático. E nunca enjeitando a possibilidade de desmistificar o comportamento da DC.

Os dois diários mais difusos de Itália aprofundaram ainda a ambiguidade programática do *compromisso histórico*, a permanência do PCI na Aliança Atlântica e a opção por uma política mais acutilante nos centros regionais e locais. Estes dois últimos factores mereceram uma apreciação positiva.

Enrico Berlinguer e Amintore Fanfani assumiram o papel nuclear no plano das personagens evocadas. Uma outra sub-categoria envolve os actores episódicos: Giorgio Amendola, Pietro Ingrao, Luigi Longo e Domingos Abrantes. Em termos institucionais, surgiram como referentes incontornáveis o Partido Comunista Italiano, a Democracia Cristã, o Conselho da Revolução e o Partido da Democracia Cristã.

O evento comunista foi abordado numa linguagem dirigida à classe política, de certa forma codificada. Uma das razões que, no período estudado, explica a baixa difusão da imprensa escrita no país. Expressões como *sacrossanta emoção suscitada pelo drama português* ou *tragédia de Lisboa* revelam um elevado grau de dramatização. Comum na *praxis* jornalística italiana. Os jornais recolheram variadíssimos testemunhos para sustentar as suas análises e objectivos.

O *Corriere* (22) foi o jornal que mais unidades de redacção publicou sobre o congresso, seguindo-se o *Messaggero* (19) e a *Stampa* (16). Foi também o periódico de Ottone (5)

⁶⁵ CASALEGNO, Carlo – «Impossibile la “grande alleanza”». *La Stampa*. Ano 109, N.º 68 (25 Mar. 1975) capa.

⁶⁶ DAPAS, Romano – «Berlinguer contro le misure anti-dc portoghese». *Il Messaggero*. Ano 97, N.º 79 (24 Mar. 1975) capa.

que mais editoriais assinou, aparecendo depois o diário de Roma (3). No entanto, a *Stampa* juntou aos dois editoriais publicados outras cinco notas políticas – texto, normalmente, comentado e circunscrito ao assunto mais importante.

Deste panorama inferimos que a cobertura jornalística decorreu com intensidade e recorreu sobremaneira à interpretação política. A natureza do acontecimento assim o exigia. Várias foram ainda as reportagens ou as notícias condimentadas ao sabor de um preciso comentário político. O jornalista nunca se libertará de valores e tendências ideológicas e manifestará sempre essa condição em todas as produções e géneros jornalístico. Os factos não falam sozinhos, necessitam de ser interpretados. Mas importa obter um equilíbrio entre a informação e o comentário. O rigor e os objectivos preconizados determinam o grau de parcialidade e a disfunção de conteúdos

À excepção do dia 25 Março, no *Corriere*, sempre as primeiras páginas dos três quotidianos veicularam narrativas sobre a conferência comunista. E por quatro ocasiões fez a manchete do quotidiano lombardo, em três da *Stampa* e duas do *Messaggero*. Dados significativos quanto à relevância adquirida. Não raras vezes observámos que o editorial apareceu ligado à manchete, comentando a notícia ou a crónica política, formando um *puzzle* de artigos. A interpretação antecedeu assim a informação e direccionou a chave de leitura, induzindo o leitor para a tomada de posição do jornal. Este era um procedimento usual no jornalismo italiano, em profundo contraste, por exemplo, com a cultura anglo-saxónica.